

## Ecossistema do Tema do Naufrágio na Literatura Portuguesa

### Echoes of the Shipwreck Accounts in the Portuguese Literature

António Manuel de Andrade Moniz

Professor aposentado da FCSH-UNL

Membro investigador do CHAM/UNL/UAç  
e do CLEPUL

Membro emérito da Academia de Marinha,  
classe de História Marítima  
am.moniz@fcsch.unl.pt

Data de receção: 05-06-2018

Data de aceitação: 31-07-2018

#### Resumo

A *Nau Catrineta*, na literatura oral e tradicional, e autores como Camões, Luís Pereira Brandão, Jerónimo Corte-Real, Fernando Pessoa, Afonso Lopes Vieira e Miguel Torga, entre outros, são exemplos expressivos dos ecos literários que os relatos de naufrágios, especialmente o I da *História Trágico-Marítima*, tiveram na Literatura Portuguesa, do século XVI aos nossos dias, numa singular identificação de uma vivência e de um sentir coletivos nacionais.

**Palavras-chave:** relatos de naufrágios – história trágico-marítima – literatura – identidade portuguesa.

#### Abstract

The *Nau Catrineta*, within the oral and traditional literature, and authors like Camoes, Luis Pereira Brandão, Jeronimo Corte-Real, Fernando Pessoa, Afonso Lopes Vieira and Miguel Torga, among others, are expressive examples of the literary echoes of the shipwrecks accounts in the Portuguese Literature, specially the first account of the *Tragic History of the Sea*, since the 16<sup>th</sup> century to our days, as a singular identification of a national feeling and experience.

**Keywords:** shipwreck accounts – Tragic History of the Sea – literature – Portuguese Identity.

A edição, em dois tomos (1735-1736), dos relatos de naufrágios portugueses, ao longo de 50 anos (1552-1602), por Bernardo Gomes de Brito, com o expressivo título *História Trágico-Marítima*, teve o mérito não só de recolher os primeiros testemunhos dessa experiência traumática (Moniz, 2018: 9-24) em documentos dispersos, quase todos surgidos em literatura de cordel, mas também de chamar a atenção para a importância do naufrágio como tema nacional, presente de modo tão significativo nas viagens a Oriente e Ocidente.

Deste modo, este tema encontrou ecos na literatura portuguesa, desde as primeiras experiências de naufrágios. “Literatura viva”, na expressão de Fidelino de Figueiredo, em contraste com a “literatura imitada dos modelos italianos” e greco-latinos (Figueiredo, 1948: 84), os relatos de naufrágios, no interior da literatura de viagens, tiveram larga e profunda repercussão na produção literária portuguesa, do século XVI aos nossos dias. “Determinados por el original tenor de la vida que se vivía en Portugal durante esta época” (*ib.*: 89), os relatos, pela grande expressividade e pungente dramaticidade das situações narradas, cedo se refletiram no panorama poético nacional, originando produções parciais ou totalmente votadas à problemática que tanto afetou a alma portuguesa.

Por este motivo, os ecos literários do que, a partir da coletânea britânica, se chama a nossa história trágico-marítima, constituem uma fonte não despendida de receção, tanto culta como popular, deste género de narrativa. Encontrar as linhas transversais que unem tais ecos, no labirinto das metamorfoses cronológicas dos mesmos, é o objetivo central deste trabalho.

### ***A Nau Catrineta***

Em primeiro lugar, assinalamos o romance da *Nau Catrineta* como exemplo expressivo desta temática na literatura oral e tradicional. Apesar da estranha carência de produção nacional do chamado “romance marítimo” (cf. Garrett, 1851: 84), não podemos deixar de referir este belo exemplo como suficiente ilustração do influxo da vivência coletiva da aventura marítima na literatura popular. Independentemente das interpretações dos críticos acerca da historicidade do episódio cantado (cf. Lima, 1937), não há dúvida de que, como reconhece Teófilo Braga, o panorama é uma “síntese de toda a nossa historia tragico-maritima” (Braga, 1867: 192). Com efeito, o maravilhoso cristão do tema fáustico, de grande poder sugestivo no imaginário popular, tem o condão de simbolizar poeticamente a

vitória do Homem sobre a Natureza hostil, como n' *Os Lusíadas* a bonança, após a tempestade, por intervenção de Vénus e das Ninfas (Cf. *Os Lus.*, VI, 85-91):

Tomou-o o anjo nos braços  
 Não no deixou afogar.  
 Deu um estoiro o demónio  
 Acalmaram vento e mar;  
 E à noite a Nau Catrineta  
 Estava em terra a varar (Vasconcelos, 1914: 4).

A tentação da antropofagia, recorrente nos relatos de naufrágios, culmina as provas de resistência heroica à fome, após um período excessivamente longo de travessia oceânica:

Passava mais de um ano e dia  
 Que iam na volta do mar;  
 Já não tinham que comer,  
 Já não tinham que manjar.  
 Deitaram sola de molho  
 Para o outro dia jantar;  
 Mas a sola era tam rija  
 Que a não puderam tragar.  
 Deitaram sortes à ventura  
 Qual se havia de matar (*Ib.*).

### ***O Cavaleiro Enamorado e a Formosa Dama***

O primeiro eco literário dos relatos de naufrágios foi a criação do casal Sepúlveda no episódio mitológico do Adamastor.<sup>1</sup> A mais acabada das ameaças que o 'monstro horrendo' solta da sua 'boca negra', quais labaredas de um dragão, e um sinal de 'suma vingança', ocupa três estâncias do famoso episódio camoniano". Amor e Morte (*Éros/Thánatos*), unidos pelo Destino ("Triste ventura e negro fado"), são as figuras invisíveis que tecem os fios da intriga trágica. Num contraste semântico-fonológico entre masculinidade e feminilidade, as personagens aristocráticas são descritas como vítimas de um terrífico *pathos*:

Outro também virá, de honrada fama,

---

<sup>1</sup> Cf., a este propósito, as criteriosas observações de Aníbal Pinto de Castro, "O relato do naufrágio do *Galeão Grande S. João* e o texto d' *Os Lusíadas*", in *Santa Barbara Portuguese Studies*, University of California/Santa Barbara, vol. VII (2003), pp. 117-128, republicado no volume "Páginas de um honesto estudo camoniano", Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007.

Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a formosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos (*Os Lus.*, V, 46).

No entanto, apesar do “som de voz [...] horrendo e grave”, as ameaças proféticas como que se dissolvem em pranto elegíaco, quer quando o locutor alude às vítimas inocentes, os “filhos caros / Em tanto amor gèrados e nascidos”, numa insistência afetiva que brota mais de uma alma sensível e solidária do que de um carrasco vingativo, quer quando, como suma delicadeza, se descreve o violento desnudamento feminino, perpetrado por agentes barbaramente classificados, como hoje se designam os terroristas (“ásperos e avaros”):

Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gèrados e nascidos;  
Verão os Cafres, ásperos e avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e preclaros  
À calma, ao frio, ao ar despidos,  
Depois de ter pisada, largamente,  
Cos delicados pés a areia ardente (*ib.*, 47).

O pranto elegíaco termina com a transformação poética da informação reportada pelo I relato da *História Trágico-Marítima*, numa espécie de hino ao Amor, através da morte simultânea do casal, num abraço libertador, como num eco ciceroniano: “ii uiuunt, qui ex corporum uinculis tamquam e carcere euolauerunt” (esses vivem, os que se libertaram como que do cárcere dos laços dos corpos – Cícero, *De Republica*, VI, 14):

E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes míseros ficarem  
Na fêvida e implacabil espessura.  
Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão  
Da formosa e misérrima prisão (*ib.*, 48).

## Elegia dentro da *Elegíada*

Seis anos após a publicação d' *Os Lusíadas*, Luís Pereira Brandão, companheiro de D. Sebastião na expedição de Alcácer Quibir, canta os preparativos, desenvolvimento e desenlace trágico da batalha que tanto marcou a História e o inconsciente coletivo nacionais. É um poema com dezoito cantos, geralmente considerado como crónica rimada e que Ares Montes classifica como "farraginoso e prosaico" (Montes, A., 1979: 56).

No canto VI, o naufrágio de Sepúlveda é narrado por uma personagem sobrevivente do mesmo e irmão de D. Leonor, Pantaleão de Sá, companheiro do rei quando, em 1574, regressa de Tânger. "Cortefam, gracioso, e auifado", o fidalgo que, no relato da compilação britânica, assume um comportamento picaresco, segundo interpolação de um trecho de Faria e Sousa (1674, T. II, parte II, cap. X), entretém os companheiros de jornada com uma "defafrada efortia", "cafo de admiração, & magoa cheo" (Brandão, 1558: 64-65). O excursu narrativo, segundo os cânones do poema épico, mantém a atenção do leitor através da pluralidade de registos retóricos (alternância de frases declarativas, interrogativas e exclamativas) e da própria subjetividade do narrador, cujas marcas de envolvimento afetivo são notórias. O clímax do episódio trágico apela, com certo equilíbrio, à *compassio* elegíaca para com os heróis sofrendores, numa linguagem emotiva evidente, embora não desligada de um registo retórico elegante e de uma sintaxe clássica (grego-latina):

Dizendo, efpofo meu, abrigo & amparo  
 Dos filhos, & da mãe que fôs deixafe  
 Torna, torna cruel, que o tempo aváro  
 Tos leva dos olhos que apos ti levafe:  
 Olha quanto me fofte nelles caro,  
 Para te não caufar efquecimento  
 Tão breve (& a mi tão lõngo) apertamento (*Ib.* VI, 120).

O elogio da figura de D. Leonor, símbolo de dignidade humana, adquire a legitimidade de uma glorificação épica, que lhe advém da experiência do sofrimento e de uma morte heroica:

Affi fenece efa iluftre dama,  
 De perpetua memoria & louvor dina,  
 No mūdo alcança peregrina fama,  
 Quem nunca vio tãa cafta peregrina?  
 Onde não bafta ao choro que derrama

(Nem o não ver remedio não lho enfina)  
 Para enxugalo, a companhia trífte  
 Que à grave dor jamais razão refítte (*lb.*, 122).

O contraste comportamental entre a contenção da dor e a explosão da fúria do herói demente confere ao episódio um realismo que não pode deixar indiferente o leitor:

Não chora, & pofto que ja tem perdido  
 O juyzo, não perde o fentimento,  
 Que amor lhe dana dor novo fentido,  
 Apos do natural conhecimento:  
 Da qual internamente convencido,  
 Depois de refpirar o groffo alento  
 As mãos deu ao trabalho fufpirando,  
 A doce efpoa & filhos enterrando.

Apos ifto furiofo vai correndo  
 Por aquellas florestas & efpeffuras,  
 Com pouca voz mil laftimas dizendo,  
 De magoa enternecendo as pedras duras;  
 Onde a fome cruel fatifazendo  
 Algũa fera nelle, as defventuras  
 Tamanhas deu o fim que tenho dito,  
 Jamais tão de defafrado em carta escrito (*lb.*, 125-126).

O episódio termina com o apelo a D. Sebastião, segundo o exemplo camoniano (Cf. *Os Lus.*, X, 145-165), à justa remuneração dos heróis nacionais:

Ves aqui Rei a quantos teus vaffalos  
 Dinos de fama eterna fe aventura  
 Por ti, & como em remuneralos  
 Dum cabelo as merces fe dependurão:  
 Alarga a mão fenhor em contentalos,  
 Que eftes onra & Reino te affegurarão,  
 E não deixes medir a fracos peitoso  
 (Onde he a enveja certa) illuftres feitos (*lb.*, 128).

### As redes do amor

O poema heroico de Jerónimo Corte-Real (1594), sobre o Naufrágio de Sepúlveda (17 cantos em oitava-rima, 10.457 versos), ainda que em menor grau do que a *Elegíada*, manifesta também grande influência do I relato da *História Trágico-Marítima*.

Apesar da hipertrofia pré-barroca do formalismo mito-bucólico, Ares Montes reconhece no poema, “fra gli sterpí di tanti mediocri

endecassillabi si apre a volta un'oasi di calore, di immagini che può benissimo figurare in antologia" (Montes, *op. cit.*: 50). O poema, no entanto, é exaltado tanto por Lope de Vega (Cf. *Laurel de Apolo*, Silva III) como pelo escritor setecentista Padre António dos Reis ("cui tu Sepulveda, poene / Gurgita consumptus misera cum conjuge debes / Totius lacrymas, gemitus, suspiria mundi" – epigrama citado por Barcelos, 1976: 200, nota a), mas, sobretudo, pelo romântico Ortaire Fournier (Cf. *ib.*). No entanto, Faria e Sousa distancia-o do valor do episódio camoniano ("sempre valieram mas estas tres estancias en que nuestro poeta Camões lo refiere alta, dulce y afectuosamente" – comento *ai Lusíadas*, cit. *in ib.* e Camilo Castelo Branco critica o seu prosaísmo e os seus "córneos hendecassílabos" (cit. *in ib.*).

O amor e as suas redes são o tema central da intriga do poema.

Em primeiro lugar, o amor correspondido de Manuel de Sousa por D. Leonor, em oposição à vontade do pai, o governador da Índia Garcia de Sá, que a queria casada com Luís Falcão, é uma dita: "Alcança fer amado (ó forte rara!) / Da fermofa Lianor (ó rara forte!)" (Corte-Real., 1783: 17. Cf. p. 21).

Em segundo lugar, enquanto o I relato da *História Trágico-Marítima* apenas insinua o castigo divino aos pecados dos homens ("Couza he efa que fe conta nefte naufragio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e ferem bons Chriftaõs trazendo o temor de Deos diante dos olhos, para não quebrar feus Mandamentos" – Brito, *H. T-M.*, I Rel., T. I), o poema de Corte-Real acusa metaforicamente o Amor e o Ciúme, como reza o epitáfio do assassinio de Luís de Falcão pela personagem mitológica Antero:

Canto III Chegão Antheros, Amor à Ilha Vingativa; o odio os leva ao apofento da Ira, & todos quatro chegão ao apofento de Determinação, a qual o aprefenta a Raunufia; & auendo della, o que lhe pedem, fe tornão a Papho, onde Venus lhe tem aparelhado hum rayo, que Vulcano lhe deu. Defpedidos della chegão a Dio, mata Anthéros a Luís Falcão, caufando grande efpanto em toda a India:

Sofpeitarfe, que Amor no cafo infando  
Tão iniquo, & cruel foffe homicida  
E que de hum tão injufto, & bruto feito,  
Sua cegueira fò tiveffe culpa.

.....  
O corpo foi levado á fepultura,  
Onde Latinas Letras bem talhadas

Hum Epitafio moftião, que dezia:

Se perguntas, quem jaz nefte apofento  
 Efcuro, frio, trifte, auorrecido,  
 Sou, quem livre de amor, & feu tormento  
 Fui por amor fem caufa affi offendido:  
 Hum cruel, defhumano, bruto intento,  
 Co a minha trifte forte conjurados,  
 Anticiparão meus ultimos fados (Corte-Real, *op. cit.*: 69).

Em terceiro lugar, o Amor e o Ciúme também são responsáveis mitológicos pelo naufrágio:

Canto VI. Manoel de Soufa parte de Cochim [...] Namorafe Protheo de Dona Lianor, Amphritite fe queixa a Eolo, o qual foltando a prisão aos ventos tempeftuofo, combatem a foberba não, avendo victoria della com trifte naufrágio.

Em quarto lugar, o amor de Pã por D. Leonor atravessa paralelamente a narrativa da peregrinação pelo sertão africano, em infeliz jornada, como que em perseguição ciumenta. A alegoria dos templos da Verdade e da Mentira, em correlação intertextual com os Régulos bom e mau do I relato, glosa o tópico do desconcerto do Mundo, numa sátira social que atinge todas as classes. Manuel de Sousa, tal como toda a gente, acredita mais na mentira do que na verdade:

Canto IX. Chegão os Portuguezes ao valle do Pão, o qual apercebido pera lhe defender a paífada fica vencido dos olhos de Dona Lianor, apartafe dos feus Phaunos, & fegue o efquadrão, que com trabalho caminhava feguindo tambem os falfos promettimentos da fortuna [...]. Canto X. Profeguindo o Capitão a infelice jornada, profigue Pão tambem os feus amores: chega o efquadrão às terras de hum Rey Cafre, onde em fonhos achou Manoel de Soufa fituado no templo da Verdade defbaratado, & quasi todo perdido [...]. Canto XI. Entra Manoel de Soufa no templo da Mentira; efantado de ver o riquiffimo ornamento delle, & do numero quafi infinito de gente, que a elle vai de romaria.

Em quinto lugar, é ainda o Amor que, despeitado, procede à vingança:

Canto XV. Paffa o Capitão o fegundo Rio, onde as Nymphas delle claramente lhe denunciação fua morte, chega à terra do Rey Cafre, que o roubou; o fangue de Luis Falcão pede juftiça a Deos, dece o



caftigo do ceo, cegalhos os entendimentos, com que fe determinão entregar as armas aos inimigos.

Em último lugar, perante o despojamento de D. Leonor, a chama do Amor atinge o deus Febo que, “tomada a forma de paftor, deixa o carro, / & o ceo feguindo os termos de fua ventura” (Canto XVI). Como nas epopeias clássicas e n’*Os Lusíadas*, o Amor desafia, seduz deuses e homens. Apesar do platonismo, que caracteriza esta força anímica, não deixa de se fazer sentir o seu efeito na rede da intriga do poema de Corte-Real. No último canto, os deuses que se apaixonaram por D. Leonor, Proteu, Pã e Febo, lamentam, impotentes, a sua morte.

### ***Mar Português***

Na definição do perfil de uma identidade nacional, Fernando Pessoa consagra a segunda parte da sua *Mensagem* ao “Mar Português”, na sequência simbólica de “Os Campos”, “Os Castelos”, “As Quinas”, “A Coroa” e “O Timbre”, que constituem o suporte histórico-simbólico de “Brasão”. Elementos metonímicos e simbólicos dos mitos de fundação da pátria, tais imagens, emblemáticas da Terra, cedem lugar a um cenário marítimo, onde se desenrola o II Ato da História de Portugal.

Na sua ambiguidade misteriosa, o Mar, penosamente conquistado, é signo de Dor e Alegria, Mal e Bem, Negatividade e Positividade.

“Mostrengo”, que provoca as “lágrimas dos Portugueses”, as das “mães”, as dos filhos, “que em vão rezaram” e as das “noivas” que “ficaram por casar” (“Mar Português”: 70), o “imenso e possível oceano”, em figuras heroicas, como Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Fernão Magalhães, desafia um povo para lhe revelar, por um lado, que “O esforço é grande e o homem é pequeno” (“Padrão”: 60) e, por outro, que “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena” (“Mar Português”: 70). Na configuração do novo e verdadeiro Atlas, vencido o medo e “Dobrado o Assombro”, como um imposto inexoravelmente pago, “Jaz aqui, na pequena praia extrema, / O Capitão do Fim” (“Epitáfio de Bartolomeu Dias”: 64.). Na “Magia que evoca / O Longe e faz dele história” (“Os Colombos”: 65), o “Mar anterior a nós” (*Ib.*) faz a febre em mim de navegar” (“Padrão”: 60), numa corrida infinda, que deriva do facto de que “A alma é divina e a obra é imperfeita” (“Padrão”: 60). Por isso, “Só encontrará de Deus na eterna calma / O porto de sempre por achar” (*Ib.*: 61.). Nesta aventura

heroica, “Os deuses da tormenta e os gigantes da terra / Suspendem de repente o ódio da sua guerra / E pasmam” (“Ascensão de Vasco da Gama”: 69). E, se “São Titãs, os filhos da Terra, / Que dançam / da morte do marinheiro / Que quis cingir o materno vulto” – Cingi-lo, dos homens, o primeiro / Na praia ao longe por fim sepulto” (“Fernão Magalhães”: 67), afinal, essa dança é manifestação de ignorância:

Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço (/b.: 68).

Mas, na espiral da ascensão e decadência, apesar da ação unificadora da Terra, “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. / Deus quis que a terra fosse una, / Que o mar unisse, já não separasse” (“Infante”: 57), apesar do ensinamento épico das Quinas – “Que o mar sem fim será grego ou romano: / O mar sem fim é português” (“Padrão”: 60) – emerge do fundo da História a consciência de uma nova missão:

Cumpriu-se o Mar e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (“O Infante”: 57).  
E outra vez conquistemos a Distância –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa (“Prece”: 73).

Afinal, tal apelo a uma reconstrução do Mundo e do Passado, personificado na esperança messiânica de “O Desejado” – “Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo, / Mas já no auge da suprema prova, / A alma penitente do teu povo / À Eucaristia Nova” (“O Desejado”: 84) – corresponde a uma vocação ôntica de quem não se deixa perturbar pelas consequências de uma história trágico-marítima:

A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido  
O segundo pediu licença ao Rei.  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.

Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
O Poder e o Renome –  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade:  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos (*Ib.*, III, “Os Tempos”,  
Primeiro, “Noite”: 97-99).

### “Saudades Trágico-Marítimas”

O saudosismo nacionalista e neorromântico de Afonso Lopes Vieira encontrou nos relatos de naufrágios e sua repercussão histórico-cultural no inconsciente coletivo matéria lírica sugestiva e motivante para as suas “Saudades Trágico-Marítimas” (*in Ilhas de Bruma*, 1918). Em seis estrofes irregulares, entrecortadas por um refrão lacrimante, o sujeito lírico interioriza, em comunhão com a Natureza solidária e compassiva, em vez da postura adversa dos relatos de naufrágios e d’*Os Lusíadas*, toda uma vivência, em diferido, da gesta heroica dos náufragos: “Chora no ritmo do meu sangue o Mar” (refrão). No sonho, na evocação da memória e na atenção à voz distante do passado, confundem-se o sujeito-personagem trágica e o sujeito da escrita, como que numa união hipostática, já que a voz e as lágrimas daquele brotam do interior deste último:

Na praia, de bruços,  
fico sonhando, fico-me escutando  
o que em mim sonha e lembra e chora alguém:

e oiço nesta alma minha  
um longínquo rumor da ladainha,  
e soluços de além... (1ª estrofe)

Desta voz de “Avós rezando”, “na ânsia crua dos naufrágios”, “olhando todos os céus” (2ª estrofe), numa demanda planetária, na alma do sujeito lírico, sobressai, no meio da experiência centenária do naufrágio, a testemunha ocular do martírio de D. Leonor de Sá, já no sertão africano, embora a nau evocada (S. Bento) não seja a do Galeão S. João no qual naufragara:

Naufraguei cem vezes já...  
Uma, foi a da nau *San Bento*;  
e vi morrer, no trágico tormento,  
dona Lianor, de Sá;  
vi-a nua, na praia áspera e feia,  
com os olhos implorando  
– olhos de espôsa e mãe –  
e vi-a, seus cabelos desatando,  
cavar a cova e enterrar-se na areia.  
E sôzinho me fui p’la praia além... (3ª estrofe).

Sujeito plural de um clamor penitencial e litânico, no meio da tempestade que desmantela a aparelhagem náutica, sujeito dilacerado pela demência da fome e do terror, a sua voz dramática vibra e ecoa no palco do presente:

Escuto em mim: – oiço a grita  
da rude gente aflita:  
– Senhor Deus, misericórdia!  
– Virgem Mãe, misericórdia!  
Doidos de fome e de terror varados  
gritamos nossos pecados  
e sai de cada boca rouca e louca  
a confissão!  
– Senhor Deus, misericórdia!  
– Misericórdia, Virgem Mãe!  
E o vento geme  
no bulcão  
sem astros  
anoitecemos sem leme,  
amanhecemos sem mastro!  
E o mar e o céu, sem fim, além... (4ª estrofe).

A última estrofe, dirigida a um destinatário de eleição, traça, de forma mais nítida, o perfil nostálgico de uma identidade coletiva,

decalcada na dura provação da multissecular aventura trágico-marítima, o “pranto português”:

Oh meu amor, repara  
 nos meus olhos, na sua mágoa clara!  
 Ainda é de além o meu olhar de amor  
 e o meu beijo também:  
 se sou triste, é de outrora a minha pena,  
 de longe a minha dor  
 e a minha ansiedade.  
 Vê como te amo, vês?  
 Meu sangue é português,  
 minha pele é morena,  
 minha praça a Saudade,  
 meus olhos longos de escutar sem fim  
 o além, em mim...  
 Chora no ritmo do meu sangue o Mar... (6ª estrofe).

### ***Poemas Ibéricos***

Na sequência de Pessoa, Torga, nos *Poemas Ibéricos* (1965), traça também o perfil de uma identidade histórico-cultural coletiva, privilegiando o *ex-libris* escolhido por Bernardo Gomes de Brito na sua coletânea.

Dividido em quatro partes, o livro de Torga indica como pontos cardeais da identidade peninsular os dois ângulos convergentes de um losango: terra-mar / heróis-pesadelo.

No primeiro ângulo, o denominador comum da disforia une as perspetivas do espaço complementar da terra e do mar: *História Trágico-Telúrica* e *História Trágico-Marítima*. No espaço telúrico, o “Fado” e a “Miragem” estigmatizam “A Raça”, “A Vida” e os produtos simbólicos d’ “A Terra”: “O Pão” e o “Vinho”. No espaço marítimo, divisado do promontório de Sagres, com uma aura eufórica de descoberta (“Sagres sagrou então a descoberta / Por descobrir. / As duas margens da certeza incerta / Teriam de se unir” – *Ib.*: 21), entre “A Largada” e “O Regresso”, existe “A Espera” ansiosa da “Pátria-Mãe-Viúva” que ficava / Na areia fria aos gritos e aos gemidos / Pela morte dos filhos que beijava” (*Ib.*: 22), dominada pelo romance da Nau Catrineta (Cf. *Ib.*: 24 s.) e pelas “trevas do Tenebroso”, num naufrágio que se alarga ao mar inteiro:

E o corpo morto dum herói, primeiro  
 Cruzado da unidade do mundo,  
 No dorso frio duma onda irada,

Mandou aos mortos, com a mão na espada,  
Boiar o sonho, que não fosse ao fundo (*lb.*: 28).

Então, o “Mar”, “Enganosa sereia rouca e triste / fingido lameiro a soluçar”, ao trair-nos, depois de nos namorar, afogando o “arado e o lavrador”, deixa de significar amor, para nos trazer temor e sofrimento (Cf. *lb.*: 29 s.).

No segundo ângulo, cantam-se “Os heróis” ibéricos, de Viriato e Séneca a Unamuno, Picasso, Pessoa e Lorca, passando por Cid, Inês de Castro, Nun’Álvares, o Infante D. Henrique, Torquemada, o Príncipe Perfeito, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Afonso de Albuquerque, Cortez, Loiola, Santa Teresa, Camões, António Vieira, Goya e Herculano. “O Pesadelo” encerra o livro, com a dupla emblemática da identidade ibérica: Quixote / Sancho, utopia / pragmatismo, sonho / realidade.

## Conclusão

Como se vê, o tema do naufrágio, em particular o de Manuel de Sousa Sepúlveda e sua mulher, D. Leonor de Sá, ecoa de modo significativo na Literatura Portuguesa, desde o romance popular *A Nau Catrineta* a Miguel Torga, passando por Camões, Luís Pereira, Jerónimo Corte-Real, Fernando Pessoa e Afonso Lopes Vieira.

Esta temática, ligada à peregrinação dos náufragos através do sertão, tão dramaticamente vivida não apenas por náufragos e suas famílias, mas também por todo um povo, é bem expressiva da identidade cultural portuguesa (Cf. Moniz, 2001, *passim*) de tal modo ficou impregnada no seu inconsciente coletivo.

Por outro lado, a heroica resistência dos náufragos a tantos perigos e dificuldades, como a fome, o frio e calor extremos, a perseguição, é também representativa da condição humana, ao mesmo tempo tão frágil e tão resiliente.

A permanência do tema em cerca de cinco séculos na literatura portuguesa, tanto erudita como popular e tradicional, mostra eloquentemente o impacte que o naufrágio teve na identificação histórica do povo português. Trata-se, naturalmente, de um tema revisitado, no labirinto das metamorfoses dos períodos, escolas e estilos literários. A especificidade própria de cada estilo e autor não impede, desta forma, a confluência da sensibilização ao tema e seu desenvolvimento. Deste modo, classicismo, barroco, romantismo e modernismo unem-se na expressão poética de um tema recorrente e caro à vivência humana nacional.

## Bibliografia

- Barcelos (1976): Lobato Barcelos, “Un tema portoghese: *Il Naufragio di Sepulveda e la sua diffusione*”, in *Annali dell'Universitario Orientale, Sezione Romanza*. Napoli.
- Braga (1867): Teófilo Braga, *Romanceiro Geral*, Coimbra.
- Brandão (1588): Luys Pereira Brandão, *Elegiada*, Lisboa, Manoel de Lyra.
- Brito (1735): Bernardo Gomes de Brito, *História Tragico-Marítima / Em que se efcrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercício a Navegação da Índia*, Tomo I, Lisboa Occidental, na Officina da Congregação do Oratorio, Livraria d'Alcobaça.
- Camões (1572): Luís V. de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, António Gonçalves Impressor.
- Cícero (1969): Marco Túlio Cícero, *De Republica*, Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri.
- Corte Real (1783): Jerónimo Corte Real, *Naufragio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manoel de para este Reyno na Náo Chamada o Galião Grande S. João, que se Perdeo no Cabo da Boa-Esperança, na Terra do Natal; e a Peregrinação, que Tiverão Rodeando Terras de Cafres, mais de 300 Leguas, té fua Morte*, Composto em verso heróico, e octava rima por..., Lisboa, na Typografia Rollandiana, com licença da Real Meza Cenforia.
- Figueiredo (1948): Fidelino de Figueiredo, *História da Literatura Portuguesa*, trad. esp. Colleccion Austral, Espasa-Calpe, Argentina S. A., Buenos Aires – México.
- Garrett (1851): Almeida Garrett, *Romanceiro*, vol. III, Lisboa, 1851.
- Lima (1937): A. C. Pires de Lima, *A “Nau Catrineta” e o Naufrágio que Passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano de 1565*, Porto, Imprensa Moderna, Lda.
- Moniz (2001): António M. de Andrade Moniz, *A História Trágico-Marítima: identidade e condição humana*, Lisboa, Edições Colibri.
- Moniz (2018) : António Moniz, “O pioneirismo da *História Trágico-Marítima*, retrato da identidade portuguesa”, in MONIZ, A. (coord.), *Primeiras Narrativas de Naufrágios*, Nº 26 de *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, dir. de José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais, Lisboa, Círculo de Leitores.

- Montes (1979): Ares Montes, "I restidi un naufragio", in *Quaderni Portoghesi*, nº 5, Giardini Editori e Stampatori in Pisa.
- Pessoa (1978): Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática.
- Sousa (1674): Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*, Lisboa.
- Torga (1965): Miguel, *Poemas Ibéricos*, 2ª ed., Coimbra, Gráfica Editora.
- Vasconcelos (1914): Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *As Cem Melhores Poesias da Língua Portuguesa, escolhidas por...* Lisboa.
- Vieira (1918): Afonso Lopes Vieira, *Ilhas de Bruma*, Coimbra, F. França Amado, impressor & livreiro.